

#37 Roteiro dos Oito Pontos – Indo do Terceiro ao Oitavo – Conclusão – RI 2020 Lama Padma Samten

<inserir o local e a data>

<https://www.acaoparamita.com.br/programa-de-treinamento-em-21-itens/> - #37

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

8 Pontos Prajnaparamita - Conclusão (ítems 3 ao 8)

Ítem 3

Nós agora vamos olhar os itens seguintes. Nós olhamos com cuidado os oito pontos do Prajnaparamita, item 1 e divisões, item 2 e divisões. Agora, esses itens seguintes já foram trabalhados por nós nos itens 1 e 2, nós vamos passar mais rápido. Por exemplo, o item 3 vem junto com o item 4 e com o item 5 e depois ele é estendido no item 6 e no item 7 e chega no aspecto final no item 8. Como é que é? É assim, no item 2 nós estamos focando diferentes exemplos. Aqui no item 2 em geral eu estou palmilhando diferentes exemplos, no item 3 é como se eu concluísse. Seja qual for o exemplo de foco que eu estou contemplando, há o aspecto vazio, ou seja, não tem aquilo dentro da aparência grosseira daquilo, não tem, eu guardo isso, não tem.

Ítem 4

O item 4 há o aspecto luminoso que co-emerge e aparece aquilo dentro, não tem mas tem, nós estamos em todo aquele conjunto de exemplos, vamos resumir, não tem, mas tem, e esse surgimento se dá por origem dependente, esse é o item 4.

Ítem 5

O item 5 é o fato daquilo existir é o aspecto luminoso, mas o aspecto luminoso não invalida o aspecto vazio, aquilo é vazio e por ser vazio é luminoso e por ser, enfim, luminoso e vindo da origem dependente é vazio, fica claro. Tem essa afirmação super importante “é na forma que o vazio se manifesta”, esta é uma frase que eu ouvi do Chagdud Rinpoche. É mais fácil ver o vazio na forma do que na negação da forma, isso é super importante, é na forma que o vazio se manifesta. Ele vem de origem dependente por isso tem a não-dualidade. Quando nós percebemos a não dualidade, nós percebemos aquilo que o próprio Nagarjuna vai chamar de Tatata, ou seja, a realidade

comum, grosseira, ela não invalida a realidade sutil, a realidade sutil não invalida a realidade grosseira. Nós podemos ver a vacuidade e ao mesmo tempo ver o aspecto grosseiro, um não invalida o outro, nós podemos trabalhar com essa inseparatividade. Quando nós olhamos esse aspecto de Tatata, vem esse elemento crucial que é assim - Como é que eu vejo isso? Que sabedoria é essa que me permite ver o surgimento disso? Como é que é isso? Eu vejo que isso é possível de ser reconhecido porque eu estou operando com a mente fora da bolha, por isso que, ao olhar fora da bolha, eu vejo como é que aquilo é vazio, como é que aquilo é luminoso, como é que a realidade comum surge, eu olho para ela mas não estou envolvido, e como é que esta realidade comum que surge, ainda assim ela é vazia. O aspecto mais extraordinário disso, não é essa conclusão que em si já é extraordinária, mas é quando a mente se volta para si mesma e pergunta: De onde você está falando? Dudjom Rinpoche usa esse argumento. A mente está olhando e agora ela olha para si mesma. Ela vê o que? Ela vê que esse lugar de onde ela está falando não tem, ela não consegue encontrar um conteúdo. Ele vai dizer o que brota dessa fonte primordial que não tem conteúdo. Isso é semelhante a descrição do próprio Prajnaparamita. Nós vamos chamar isso de Sabedoria Primordial, que é a manifestação direta da mente do dharma, do Buda, a mente do dharma, do Buda vem disso. É como se nós estivéssemos agora reconectando com os versos preliminares do Prajnaparamita. Essa sabedoria, Rigpa, olha todas as coisas e vê o vazio e o aspecto luminoso da realidade, mas quando ela volta para olhar para si mesma, o que que Rigpa encontra? Encontra uma mente vazia, livre. Essa é a mente, esse é o lugar de onde brota o dharma, ou seja, brota a lucidez que ilumina as aparências. Este é o quinto item.

Ítem 6

Nós ainda não chegamos no item 8? Mas parece uma finalização. Mas o que que está faltando assim? Eu introduzi o item 6, por que? Porque enquanto nós estamos olhando isso, nós estamos olhando os aspectos cognitivos. Esses aspectos cognitivos funcionam um pouco mas, por exemplo, se eu estou raciocinando cognitivamente e chego a conclusões, mas de repente alguma coisa se manifesta e a minha energia se perturba, eu vou dizer, “bom mas o aspecto cognitivo é uma coisa a realidade é a energia”. Eu tenho uma sensação de que a realidade, eu agora estou tocando na realidade das coisas porque a minha energia se moveu. Nós precisamos olhar a mesma coisa a partir da energia. É como se nós voltassem a todos os exemplos dos itens 2A, 2B, 2C e 2D, olhasse tudo, agora não apenas sob o ponto de vista de o que que eu estou entendendo, mas como a energia se movimenta em cada uma das experiências. Se nós formos olhar isso nós vamos reconhecer o surgimento da energia do elemento terra - fica mais fácil olhar assim - terra, água, fogo, ar, éter e eventualmente espaço, cinco ou seis elementos. Nós vemos a energia que se movimenta em nós e vemos que mesmo que a energia se movimente, aquela manifestação é vazia, aquilo não dá uma realidade ao objeto. Do mesmo modo que o aspecto cognitivo é vazio e é luminoso, a energia também é vazia e luminosa. Aqui eu estou trazendo este ponto da energia porque parte ou uma boa parte ou talvez a parte maior da operação do Samsara, ela não vem por uma situação cognitiva, ela vem pela energia, pelo menos com a energia misturada sempre. Se nós formos entender os outros seres do Samsara, na sua imensa maioria, se movem por energia. Isso é o item 6. Nós olhamos não apenas o surgimento cognitivo onde eu aponto objetos mas especialmente o movimento da energia onde eu sinto a energia dos objetos, das coisas, do impulso sobre o que eu deveria fazer. Não é um raciocínio discursivo como eu jogo um jogo por exemplo, mas quando eu estou jogando um jogo eu não apenas raciocínio, eu tenho impulsos de energia enquanto eu jogo. Agora eu estou olhando o jogo não como

raciocínios mas como impulsos associados, inseparável desse raciocínio, e os impulsos dão uma sensação de realidade. Eu preciso ultrapassar essa sensação de realidade porque a sensação de realidade me dá uma certeza para o movimento que o impulso indica e isso produz a experiência de verdade, de realidade, palpável. Aquilo que é palpável não é o que é raciocinado, o que é palpável é quando a energia se move e aquilo fica claro. Esse é o ponto, nós precisamos contemplar o item 6 caso contrário vai faltar um pedaço.

Ítem 7

Nós chegamos no item 7. Nós contemplamos um fluxo constante. Eu prefiro falar de um fluxo do que falar da magia das aparências, porque na magia das aparências as aparências estão paradas, mas não é, é o fluxo das aparências. O fluxo da magia luminosa e vazia das aparências, das aparências internas e externas e o entrelaçamento das múltiplas visões. Se nós entendermos, por exemplo, a complementaridade, nós temos diferentes visões de uma mesma coisa. No Samsara, nós tomamos o objeto como o outro vê e entrelaçamos como o objeto como nós vemos, nós entrelaçamos isso, esse entrelaçamento é um entrelaçamento extraordinário. Na visão comum de eu olhar alguma coisa e dizer “isso é verdade”, isso é o Samsara comum. Agora, quando eu começo a liberar esse Samsara, eu libero esse Samsara explicando como aquilo não é e como aquilo é, está bem, parece que tudo bem, porque eu estou olhando a minha visão, mas eu percebo pela complementaridade, pela complexidade eu vejo que os outros seres olham aquilo cada um ao seu jeito. Eu pego o que o outro está fazendo, o objeto como surge na visão do outro e eu olho segundo a minha visão e dou um outro sentido e começo a operar com aquilo que é como, por exemplo, o papagaio que olha o galho de eucalipto e transforma em ninho, aquilo é Samsara cruzado porque o galho de eucalipto não foi gerado pela mente do papagaio, no sentido, teve um outro ser olhando para aquilo fez uma certa coisa, agora eu olho para aquilo que é o mundo do outro, que é, não é e é, eu olho aquilo e vejo como o ninho, aquilo também é, não é e é segundo o meu mundo, os mundo se entrelaçam nos objetos. O mesmo objeto tem sentidos causais de diferentes mundos. O mundo está gerando uma coisa que eu preciso que seja gerado segundo outro mundo para que, segundo o meu mundo, tenha uma base para fazer outras coisas. Assim o Samsara se entrelaça, surge essa teia densa, só que isso não é fixo, isso flui o tempo todo. Tem um movimento da mente luminosa do Buda que uma única mente ela sopra e vai produzindo como labaredas para todo lado e isso vai se interligando, isso produz a teia entrelaçada que tudo permeia e constitui também as visões causais e de energia nas aparências. Este é o item 7 é o fluxo da magia luminosa e vazia que gera a teia, múltiplas, em todas as direções. Essa teia, ela é constituída de Dharmakaya, ela é essencialmente Dharmakaya, ela é essencialmente Dharmata.

Ítem 8

O item 8 é assim, quando nós vemos isso, se vocês forem olhar os seis selos, nós estamos na Grande Bem Aventurança, nós estamos olhando assim “uaaaau!” Nós vimos a vacuidade, vimos o surgimento da forma, vimos a inseparatividade, agora nós repousamos dentro disso “uaaaau!”. Essa Grande Bem Aventurança é a ausência de pensamentos, eu não estou fazendo um processo sequencial, não estou produzindo coisas, eu estou “uaaaau!” então a Grande Bem Aventurança. Isso pode ser chamado também em Sânscrito de Sukha. “Uaaaau!” Essa Grande Bem Aventurança é inseparável da ausência de pensamentos e a ausência de pensamentos é o repouso natural depois que cai o corpo

e mente. Sobra o quê? Dharmata. Quando surge essa visão em todas as direções, surge a mandala. Nesse ponto do item 8, nós vemos a natureza Vajra, vemos a Mandala Vajra, ao mesmo tempo nós sorrimos e vemos como que nós vagueamos por vidas e vidas em todas as direções, como que as mentes dos seres vagueiam por vidas e vidas ainda que o tempo não exista, elas vagueiam incessantemente. Se a pessoa seguir olhando as aparências, as aparências vão surgir como oferendas a Samantabhadra. Ainda assim, a energia brota e a pessoa vê a energia e vê o aspecto vazio e luminoso e ela tem essa experiência de Grande Bem Aventurança. Enquanto a pessoa olha todas aparências desse modo, tem esse surgimento do campo de arroz que é uma descrição do Buda que eu associo ao surgimento da mandala. Ele diz, por exemplo, “é como um campo de arroz”, é simples assim, é uma explicação que não tem explicação, é simplesmente a apresentação daquilo. Você planta um pezinho de arroz, depois você planta outro, como talvez nós façamos aqui, e mais um e mais um e mais um e mais um, você não plantas um campo de arroz, você planta um pé, depois outro pé de arroz, outro pé de arroz, outro pé de arroz, de repente quando você olhar tem um campo de arroz. É um exemplo que o Buda dá assim, eu pego uma roda, que não é a carreta, eu pego o eixo, que não é a carreta, eu vou indo assim. Aqui é assim, eu pego um pezinho de arroz, que não é o campo de arroz, eu pego outro pezinho, que não é o campo de arroz, eu junto muitos pezinhas de arroz que cada um não é o campo de arroz e quando eu olho, eu crio uma outra coisa que agora eu vou chamar de campo de arroz. O campo de arroz é luminoso, ele é vazio. Do mesmo modo surge a mandala, eu vou olhando cada experiência, uma por uma, uma por uma, e de repente eu olho, essa é a mandala Vajra, a mandala da lucidez, todas as coisas elas são pés de arroz lúcidos, vazios e luminosos em todas as direções. O surgimento da mandala significa liberação. A liberação ocorre pela Grande Bem Aventurança, ela não ocorre pela seriedade, ou pela dureza, ou pelo corte. Que Manjushri não interprete mal isso assim, falar com uma coisa cortando. Mas não é pela seriedade, não é porque eu fiquei agora assim duríssimo que a liberação vai ocorrer, ela não vem porque eu vou explodir o Samsara, ela não vem pela vacuidade mal humorada, nós não precisamos destruir o mundo, o processo, nós vamos produzir o reconhecimento de que cada aspecto daquilo que eu vou chamar de mundo que é essa teia interligada, ela é composta pela luminosidade da mente de um número ilimitado de seres que são, cada um deles, a manifestação da mente búdica, atuando sob condições e produzindo suas próprias experiências, e aquilo tudo se entrelaçando. Esse é o processo, nós não destruímos o mundo, isso é a iluminação do mundo, nós sorrimos para isso tudo, nós sorrimos como alguém que repentinamente se vê e vê tudo de uma forma mais ampla. Isso é a Bem aventurança como descrito nos 6 selos. Isto é Suka. O Samsara não é negativo, o Samsara é lúdico, é luminoso. Nós sofremos dentro do Samsara como as crianças também sofrem, por coisas simples. Nós pensamos, mas se tudo isso é vazio desse jeito? De onde vem o sofrimento? Se vocês olharem com cuidado, o sofrimento vem da energia. Eu vejo a Dudu passando por aqui, ela hum, hum, ela tem uma energia de entrar aqui, não é raciocínio “estão me excluindo”, não tem, isso se fosse um ser humano, mas ela está, abre a porta e ela buruluumm, faz toda a bagunça como sempre até nós mandarmos ela embora. É como as crianças também, é energia se movendo. Samsara inteiro está assim, a dor está ligada à energia.

Se nós olharmos com cuidado, isso vem do fato de nós tomarmos refúgio na energia, a energia se torna o nosso referencial, a posição dela é o que nos faz sentir bem ou sentir mal. Isso é que está ligado aos Vedanas, nós precisamos contemplar isso. Como é que nós liberamos isso? Nós vamos iluminar esse processo, ou seja, nós vamos ver esse processo como algo luminoso, e nós sorrimos. Eu acho importante entender que o movimento e a solidez do Samsara, o aspecto terra do Samsara, é a energia terra. O aspecto da energia

terra é inseparável da energia água, da energia ar, da energia fogo e éter, está tudo isso junto, é esse fluxo que não é o raciocínio propriamente, mas se não tiver energia se movimentando, não tem Samsara. Nós precisamos perdoar o Samsara, liberar o Samsara, absolver o Samsara, iluminar o Samsara, e o Prajnaparamita é o instrumento nos ajuda a fazer isso, e a meditação dos oito pontos, que é o que nós estamos agora concluindo, ela começa com a experiência de que a realidade circundante ela é uma realidade, depois nós descobrimos que a realidade circundante é o Samsara. Quando nós seguimos adiante, nós vimos que esse Samsara, pela instrução, pela benção do Buda e dos Grandes Mestres que sustentaram os ensinamentos, pela benção disso, nós conseguimos ver através das janelas do Samsara e conseguimos olhar de forma mais ampla. Nós ficamos super felizes e nós entendemos mais ou menos o que é que o Prajnaparamita faz, que ele contempla forma, sensação, percepção, ele está tentando abrir uma janelinha pela forma, pela sensação, pela percepção, olhar um pouco mais profundo aquilo. Nós entendemos a mente de Prajnaparamita e nós admiramos que os Budas tenham gerado isso, e isso funcione. Mas, na medida que nós seguimos a nossa prática, segue acumulando as contemplações e segue adiante, há um momento em que a realidade circundante ela surge como a realidade Vajra, então ela deixa de ser a bolha, ela passa a ser uma bolha luminosa em constante transformação, viva. Nesse momento tem uma inversão, no seguinte sentido, nós olhamos aquilo como a realidade e nós começamos a ver as coisas do Samsara como bolhas particulares, enrijecidas, então o Samsara vira janelas dentro da visão Vajra. Nesse sentido há uma inversão porque no início a visão lúcida era uma pequena janela dentro do Samsara, agora é o contrário. O Samsara se vê como um surgimento artificial, uma aparência particular, enrijecida, limitada e transitória. Eu trouxe um texto aqui do Dudjom Lingpa que eu acho que fica super bom aqui nesse ponto. Dudjom Lingpa vai dizer no Darma Tolo:

“Todas as aparências falsas das experiências delusivas externas e internas, do mundo físico e de seus habitantes sencientes”,

Não só a nossa mas de todos os seres, internas e externas,

“Estão inteiramente presentes na vastidão da natureza essencial”,

Ou seja, o aspecto primordial, está totalmente presente na natureza da vastidão da natureza essencial. Tudo aquilo brota dali. Isso é o reconhecimento de Dharmakaya como todas as aparências. Ele diz:

“Isso é a nossa grande perfeição”.

Eu acho maravilhoso que nós agora entendemos o que é grande perfeição. Grande perfeição, Dzogchen, é isso, é manter essa visão. Ele diz:

“No âmbito absolutamente pervasivo, imutável, de êxtase e vacuidade, surge a totalidade das aparências da expansão vasta e totalmente aparente”.

Totalmente abrangente porque não tem nada que não caiba, que não esteja dentro disso.

“Totalidade das aparências da expressão vasta e totalmente abrangente onde o sol da clara luz”,

Que enfim é o que produz a multiplicidade de tudo isso,

“O sol da clara luz eleva-se sem se pôr”.

A clara luz não apaga, o sol da clara luz eleva-se mas ele não se põe.

“No espaço absoluto originalmente puro, livre dos extremos, na aparência do palácio da clara luz espontaneamente manifesto, a natureza não dual aparência e vacuidade”,

Ou êxtase e vacuidade,

“A corporificação sem princípio da lucidez prístina”,

Corporificação o que é? é a manifestação,

“Sem princípio da lucidez prístina”,

Que é o que ele está expressando, o que que é a lucidez prístina, ele diz:

“Essa corporificação sem princípio da lucidez prístina, Padmasambhava e Prahevajra”,

Padmasambhava é Padmasambhava, Prahevajra é Garab Dorje que é o fundador, que é a emanção de Vajrasattva que dá origem ao zotth. Padmasambhava e Prahevajra não são projetados mentalmente, ou seja, não é que eu crie eles assim, mas são a própria face da natureza da existência. Por que? Porque esse lugar lúcido e vivo, ele manifesta os Budas e ao mesmo tempo, esse lugar lúcido e vivo, ele manifesta a multiplicidade das aparências porque é não dual.

“De um estado sem esforço”,

Ou seja, ele não entrou numa meditação e agora está segurando aquilo, de um lugar sem esforço que é um lugar livre, não construído,

“Eu naturalmente os encontro”.

O que significa ele encontrar Prahevajra, que é Garab Dorje, e Guru Rinpoche, o que significa isso? Significa que ele está operando com aquela mente.

“Eu naturalmente os encontro e recebo a herança do tesouro da vastidão da realidade última”.

Ele quando? É como ele descrevendo que ele se funde com clara luz mãe, numa outra linguagem, ele está no oceano que é o próprio Guru Rinpoche, que é o próprio Prahevajra, e nesse sentido ele diz

“Eu recebo a herança do tesouro”

Da visão que é,

“A vastidão da realidade última”.

Eu acho que este é um bom ponto para encerrar aqui. Nós concluímos isso. Esse é apenas o Prajnaparamita. O Prajnaparamita se nós formos olhando, olhando, nós vemos isso. Eu acho assim muito comovente os ensinamentos de Dudjom Lingpa são ensinamentos assim como Thrangu Rinpoche estava dizendo, pertence a abordagem Shentong. Quando nós

dizemos isso parece que nós diminuimos os ensinamentos, eu não gosto muito de comentar isso. Mas eu acho que é interessante como meio de comparar com outros ensinamentos, só por isso. Porque para mim, é como se os ensinamentos fossem esses, não fosse qualquer outro, para mim não vou botar dentro de um conjunto de ensinamentos, eu simplesmente olho isso e é assim. Mas dentro da multiplicidade de classes de ensinamentos que nós somos apresentados, esses aqui eles não são filosóficos, vocês olhem que eles não são filosóficos, ele está falando da experiência mesma e está dizendo como é que é. É uma raridade extraordinária ele narrar o que que é Guru Rinpoche, o que é Prahevajra, ou seja, o que é Garab Dorje, o que é a Grande Perfeição, em termos de uma experiência e não de uma comparação ou de um aspecto escolástico, ele está falando sobre a experiência direta mesmo. Ele está descrevendo a experiência, é muito extraordinário a pessoa descrever a experiência de dentro da experiência. Isso é diferente da abordagem escolástica que você descreve as coisas de um lugar neutro, externo àquilo. Aqui ele se coloca dentro e descreve como é que é e dá os nomes. Eu acho isso muito maravilhoso, nós deveríamos fazer muitas prostações para isso. Ele descreve a expressão Grande Perfeição, ele descreve isso, e Dudjom Lingpa realmente ele fala disso, ele tem essa autoridade, ele é isso, ele é a manifestação de Guru Rinpoche direta e ele é o detentor dessa visão.